



REVISTA DE LITERATURA E CULTURA RUSSA

Dossiê: Literatura russa e filosofia

Autor: Jimmy Sudário Cabral

Gérard Bensussan

Edição: RUS Vol. 12. Nº 18

Data: Abril de 2021

<https://doi.org/10.11606/issn.2317-4765.rus.2021.184927>



Dossiê: Literatura russa e filosofia

A singularidade da literatura russa pode ser interpretada à luz das condições históricas de recepção e assimilação da filosofia europeia nos séculos XVIII e XIX. O que Auerbach chamou de “infiltração de formas de vida e de pensamento modernas”¹ está na origem de uma autoconsciência filosófica que, através da literatura, traduziu o essencial da modernidade russa. De Pietchórin a Ivan Ilitch, uma “violenta movimentação interna” se impôs e, desfazendo-se das tradicionais formas de vida, inaugurou um *esclarecimento* que transformou o século XIX russo num sofisticado laboratório estético e filosófico. O deslocamento em relação aos elementos tradicionais de uma Rússia pré-moderna e a desconfiança em relação às mediações históricas da moderna vida burguesa ofereceram o cenário de gestação da autoconsciência filosófica que encontramos no romance russo. A agitação de Lievin, em *Ana Kariênina*, tem origem no fato de ele mesmo não poder transformar-se num camponês, por abominar o perverso regime que lhe ofereceu o *status* de senhor de terras e, ao mesmo tempo, por desprezar a cínica consciência satisfeita do burguês euro-

1 Auerbach, E. *Mimesis*, São Paulo: Perspectiva, 1976, p.469

peu. Não há nada no romance russo que não esteja atravessado pelas antinomias modernas e por uma aguda consciência da ausência de qualquer elemento que pudesse oferecer uma experiência de reconciliação do homem com a sua realidade histórica. Os tumultuosos fluxos de consciência que encontramos na arquitetura filosófica que vai de Liérmontov a Tolstói anteciparam, nesse sentido, as fissuras da vida moderna e levaram ao extremo aquilo que o individualismo burguês europeu não ousou levar sequer até a metade.

A literatura do século XIX russo desenhou uma paisagem intelectual na qual os grandes temas filosóficos do idealismo e do romantismo europeu se fizeram presentes e visíveis. Assim, uma genealogia da consciência filosófica do romance russo passa, por exemplo, pelo fenômeno de apropriação nacional da poesia romântica de Byron, por Liérmontov, e alcança a reformulação de Dostoiévski do demonismo romântico encarnado em Pietchórin.² A “preguiça radical e trágica de existir” de Oblómov, conforme a interpretou Levinas, inscreveu na literatura russa uma pintura filosófica da subjetividade que ganhou contornos trágicos no niilismo estético e nas hesitações diante da existência que encontramos no homem supérfluo de Turguêniev. Nesse sentido, a recepção de Schopenhauer por nomes tais como Tolstói, Turguêniev e Herzen nos oferece um bom panorama dos efeitos do idealismo e do romantismo alemão no pensamento e na estética russa do século XIX. É no pró e contra da filosofia, nas oscilações entre uma autoconsciência filosófica e a erupção de um real que o conceito é incapaz de abarcar, que podemos encontrar a dialética entre vida e pensamento, arte e filosofia, que marcou o exercício de escritura romanesca em solo russo.

Na mesma medida em que a linguagem dos filósofos (Rousseau, Kant, Hegel, Schopenhauer) atravessou a consciência estética que povoa o romance russo do século XIX, dando à luz o que poderíamos chamar de o “romance da filosofia” [a literatura russa *tout court*], a linguagem filosófica do século XX experimentou um contágio do romanesco, Dostoiévski *derrière*

² Ver, nesse sentido, a introdução de Paulo Bezerra ao *O Herói do nosso tempo*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, VII-XVII.

Nietzsche e Levinas, dando origem a uma escritura filosófica que foi atravessada por esse “côte russe” que se disseminou na filosofia do século XX. As memórias de Hans George Gadamer nos contam como os volumes vermelhos das novelas de Dostoiévski “flamed on every writing desk” nos inícios do século XX alemão,³ provocando uma ebulição filosófica sem precedentes, que alcançou polos tão opostos como os de Martin Heidegger e Walter Benjamim.

O presente dossiê descreve, portanto, a dialética entre a presença da filosofia europeia na literatura russa do século XIX e a *disseminação* do romance russo na escritura filosófica do século XX.

No artigo que abre este número, Gilvan Fogel nos oferece um roteiro filosófico para a leitura de *Crime e Castigo*, demonstrando como os conceitos-chave do romance, tais como vontade, autonomia e revolta, traduzem uma *hybrys* conceitual que se encontra na gênese da história europeia e moderna. À luz do fragmento de Heráclito, “mais do que o incêndio, é a *hybris* que precisa ser apagada”, Fogel argumenta que não só *Crime e Castigo* mas todas as grandes obras de Dostoiévski traduzem uma experiência em que a exacerbação da consciência moderna encontra-se, *subitamente*, acometida pela pobreza e cadência desprovida de cobiça da “natureza viva” – o que estaria, para o autor, na raiz da *conversão* de Raskólnikov expressa no epílogo: “em lugar da dialética entrou a vida”.

O artigo “Dostoiévski e os dilemas do existir contemporâneo ou da finitude sem redenção”, escrito por Marco Casanova, oferece uma leitura de *Os Demônios* como um espaço narrativo no qual todas as possibilidades de se pensar a transcendência são dissolvidas. A sua análise de Stavróguin e Kirílov como tipos que encarnam a desorientação de uma existência incapaz de lidar com a realidade de não haver redenção possível é apresentada em diálogo com a desorientação contemporânea, a qual também responde com cinismo ou performances religiosas ao fato de não mais ser possível reter a transcendência como polo de orientação e valoração da totalidade da vida.

³ Gadamer, Hans George. *The Gadamer reader: a bouquet of the later writings*. Edited by Richard E. Palmer. Chicago: Northwestern University Press, 2007, p. 9.

“Comme Dostoïevski raconterait une vie”, de Gérard Bensussan, recupera a formulação proustiana em *Le temps retrouvé* para demonstrar como a pintura de fenômenos desprovidos de causalidade aparece como o núcleo do realismo de Dostoïévski e Proust. Interpretando a criação literária do russo e do francês como o espaço de manifestação de um real profundo e involuntário, e, nesse sentido, avesso ao idealismo conceitual da filosofia clássica, o autor apresenta o estatuto filosófico da verdade e do real a partir de modalidades propriamente romanescas.

O artigo de Boris Tarasov, Исторический процесс в свете христианской антропологии Ф. М. Достоевского, nos oferece uma abordagem filosófico-religiosa do pensamento e da arte de Dostoïévski. Nos rastros de uma tradição religiosa de comentadores de Dostoïévski, tais como V. Soloviev, N. Berdiaev e J. Frank, Tarasov interpreta o realismo dostoievskiano à luz da antropologia cristã e da espiritualidade ortodoxa e considera a obra do autor russo como o momento fundador da filosofia religiosa russa. O artigo propõe que os conceitos estruturantes do realismo cristão, tais como a “lei do ego” e a “lei do amor”, estiveram no fundamento do juízo de Dostoïévski do mundo moderno.

Na esteira de Tarasov, o artigo de Luana Martins Golin, “O mal e o niilismo no romance *Os demônios*, de Dostoïévski”, realiza uma leitura teológica de conceitos nucleares da obra. A autora interpreta a inversão teológica presente na ideia de homem-deus como o princípio de constituição do demoníaco e, a partir de uma aproximação entre o fenômeno do niilismo e a tradição apocalíptica, propõe que o niilismo e o mal se constituem n’*Os Demônios* como uma derivação do pensamento apocalíptico no qual o homem ocupa o lugar de Deus.

Arlene Fernandes, no artigo “Racionalismo e romantismo em *Memórias do subsolo*, de Dostoïévski”, analisa a explosiva novela à luz dos embates entre racionalismo materialista e romantismo que atravessaram a segunda metade do século XIX russo. Apresentando o conflito entre os homens novos e supérfluos, ou seja, a geração dos anos 1840 e a geração dos

anos 1860, a autora nos mostra o papel de *Memórias do Subsolo* na constituição dos temas filosóficos que se tornariam fundamentais nos grandes romances de Dostoiévski.

O artigo "O cão e a roleta: *Kynismus, Zynismus* e carnavalização em *Um jogador*, de Dostoiévski", de João de Araújo, nos oferece uma interessante abordagem de *Um Jogador* no horizonte da filosofia cínica. À luz dos diálogos de Luciano de Samosata e das análises da tradição cínica feitas por Michel Foucault e Peter Sloterdijk, o autor propõe que Aleksiéi Ivânovitch, o protagonista do romance de Dostoiévski, pode ser interpretado como o herói mais perfeito e a encarnação dialética entre o *kynismós* e o cinismo na modernidade.

Na sequência, o sugestivo título de Ana Matoso "Um peixe é um peixe' ou a escada de Tolstoi" nos oferece uma análise da versão de Tolstói dos evangelhos e demonstra como o procedimento interpretativo presente na obra *Os Meus Evangelhos* possui um claro paralelo metodológico com o *Tractatus Logico-Philosophicus*, de Wittgenstein. A autora argumenta que o paradoxo que encontramos na leitura de Tolstói dos evangelhos é o mesmo paradoxo encontrado no *Tractatus*: o impulso de delimitar o que pode ser dito com sentido percorre com igual intensidade ambas as obras.

Édouard Girard, no artigo "Belínski ou l'impossible hégélianisme moral", apresenta o lugar singular e o significado filosófico de Vissarion Belínski no contexto da *intelligentsia* russa da primeira metade do século XIX. Para o autor, a leitura de Belínski do idealismo alemão e, sobretudo, de Hegel inaugura uma tradição na língua filosófica russa de conceitos fundamentais da filosofia hegeliana, tais como "concretude da vida" [конкретность жизни] e "vida absoluta" [абсолютная жизнь]. O artigo ainda mostra como a interpretação ultramoralista de Belínski do pensamento de Hegel revela problemas filosóficos concretos da *intelligentsia* russa sob o regime de Nicolau I.

No artigo "La contradiction et la limite. Sur la démonologie poétique de M. Y. Lermontov", Iacopo Costa nos oferece uma interpretação de algumas poesias de Liérmontov, como "De-

mônio” e “Anjo da Morte”, esboçando os traços fundamentais de uma filosofia do demoníaco. O autor evidencia que o demônio aparece na obra de Liérmontov como a expressão radical da separação entre homem e natureza e ocupa um papel determinante na constituição da sua literatura e poética.

No horizonte de recepção da literatura russa no pensamento filosófico moderno, o artigo “Dostoiévski *em* Nietzsche: considerações crítico-genealógicas”, de Alexandre Marques Cabral, apresenta os modos nietzschianos de apropriação da obra de Dostoiévski. Para o autor, a leitura de Nietzsche do pensamento de Dostoiévski acontece no interior de uma hermenêutica psicofisiológica na qual o primeiro se apropria do material psicológico e fisiológico do segundo a fim de fortalecer o seu projeto genealógico. Nesse horizonte, o autor apresenta dois modos nietzschianos de apropriação: i) a inscrição do homem do subsolo numa noção peculiar de niilismo e ii) a operacionalização da *idiotia* na caracterização psicofisiológica da figura de Jesus na obra *Anticristo*.

Yoann Colin, no artigo “Contre le bourgeois! Levinas lecteur de Dostoïevski et Tolstoï”, demonstra como a resistência às formas de vida burguesa que encontramos na literatura russa, especialmente em Dostoiévski e Tolstói, ocupa um papel determinante na rejeição levinasiana de uma consciência burguesa. O autor mostra como a descrição do burguês nos *Carnets de captivité* e em *De l'évasion*, encerrado em valores inautênticos e fechado em si mesmo, evoca elementos da obra dos dois russos e constitui o ponto de partida da suspensão de Levinas de uma filosofia do *conatus*.

O dossiê também apresenta uma entrevista com o professor Michael Löwy sobre a recepção da literatura russa na filosofia e no pensamento judaico do século XX. A análise oferecida por Michael Löwy da tradição judaica e neorromântica, representada por autores como Kafka, Lukács, Bloch e Benjamin, é um material imprescindível para aqueles que buscam entender melhor a recepção e a influência da literatura russa, especialmente Dostoiévski e Tolstói, na constelação filosófica do judaísmo da primeira metade do século XX.

A tradução de Priscila Nascimento Marques do artigo “Os judeus e a questão judaica nas obras de F. M. Dostoiévski”, de Liev Vygótski, até agora inédito em língua portuguesa, nos oferece uma interessante porta de entrada para a problemática e tão discutida relação de Dostoiévski com o judaísmo. O artigo conta com uma instrutiva nota introdutória que nos faz saber da precocidade do jovem Vygótski e da posição de destaque ocupada pela temática judaica nos seus interesses de juventude. Escrito entre 1912 e 1913, quando ainda era um colegial, a primeira parte do manuscrito apresenta um panorama das representações estereotipadas da figura do judeu na literatura russa para, em seguida, travar uma discussão com o artigo de Dostoiévski “A questão judaica”, que foi publicado no *Diário de um escritor*, em março de 1877.

Outra vez Bazárov, de Aleksandr Herzen, traduzido por Priscila Nascimento Marques e Leticia Mei, ocupa um lugar especial no conjunto do dossiê. Escrito em 1868, o ensaio epistolar de Herzen é um documento chave para a compreensão do conceito filosófico de niilismo no horizonte da literatura russa. A “dissertação inacabada” nos dá um raro vislumbre da recepção e do significado do idealismo e do romantismo alemão na polêmica encarniçada entre a geração dos “homens novos” e dos “homens supérfluos”, que atravessou a segunda metade do século XIX russo.

Os dois textos que fecham o dossiê - “Conatus interruptus”, de Gérard Bensussan, e “Methodological approaches to studying the problem of interaction between Literature and Philosophy”, de Elena Takho-Godi - nos apresentam um rico universo de abordagens da relação entre filosofia e literatura russa.

O ensaio de Gérard Bensussan nos coloca diante do cruzamento entre o filosófico e o literário – entre a anterioridade do acontecimento involuntário, que é próprio da linguagem literária, e o esforço sobre si do conceito, que possibilita o gesto de transcrição para a linguagem dos filósofos. No coração desse *quiasma* entre filosofia e literatura, encontramos o *romance da filosofia* – o excesso do universo dostoiévskiano no qual “verdades se fracionam em vários tempos”.

O artigo de Elena Takho-Godi é uma descrição fundamental das atividades do laboratório de pesquisas “Russian Literature and Philosophy: Ways of Interaction”, situado no Instituto Gor-ki de Literatura Mundial da Academia Russa de Ciências, em Moscou. O laboratório, que reúne pesquisas interdisciplinares sobre a relação entre filosofia e literatura, sobretudo no contexto de autores clássicos como Pushkin, Liérmontov, Tiútchev, Tolstói e Dostoiévski, se orienta pelo princípio de que a literatura russa é uma arte figurativa de exploração filosófica da realidade.

Referências Bibliográficas

AUERBACH, E. *Mimesis*, a representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 1976.

BEZERRA, Paulo. “Introdução”. In *O Herói do nosso tempo*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, VII-XVII.

Jimmy Sudário Cabral*

Gérard Bensussan**

* Universidade Federal de Juiz de Fora, Departamento de Ciência da Religião, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil, <https://orcid.org/0000-0001-6598-0554>; sudarioc@hotmail.com

**Universidade de Strasbourg, Faculdade de Filosofia, Strasbourg, França. <https://philo.unistra.fr/personnes/emerites/gerard-bensussan/>